

Para além do currículo: a extensão universitária como espaço de ensino- aprendizagem da Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (TALS)

Beyond the curriculum: university extension as a teaching-learning space for audiovisual translation of sign language (TALS, acronym in Brazilian Portuguese)

Vinícius Nascimento  

nascimento_v@ufscar.br

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar/

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Lis Maximo e Melo  

lismaximo@gmail.com

Centro Universitário Central Paulista – Unicep

Guilherme Nichols  

gnichols@ufscar.br

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Resumo


Este artigo objetiva realizar uma análise descritiva de uma experiência de ensino-aprendizagem da tradução audiovisual da língua de sinais (TALS) em uma atividade de extensão universitária desenvolvida no Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (Latravis) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Trata-se da tradução de uma série de comédia, do tipo *sitcom*, intitulada “Baby & Rose”, produzida com apoio da Agência Nacional do Cinema e exibida no canal fechado *MultiShow*. A realização da atividade baseou-se na proposta didático-pedagógica de Nascimento (2014), que se fundamenta da articulação teórico-metodológica entre o pensamento bakhtiniano e os Estudos da Tradução e Interpretação da Língua de Sinais (ETILS), e que considera cinco fases para a construção do processo tradutório de materiais audiovisuais na formação de tradutores e intérpretes de Libras-Português, a saber: (i) mobilização dos tradutores à reflexão sobre o gênero do discurso a ser traduzido; (ii) exploração do gênero a partir da identificação dos aspectos interlocutivos, composicionais, estilísticos e temáticos; (iii) mapeamento dos elementos verbo-visuais que serão transpostos para o texto em língua de sinais; (iv) preparação da tradução por meio de diferentes estratégias; e (v) execução a tradução e o registro em vídeo. O projeto de extensão universitária oportunizou aos estudantes contato com uma demanda real de TALS em um ambiente controlado, supervisionado e com o suporte pedagógico de professores-tradutores capacitados evidenciando a necessidade de formar tradutores e intérpretes de Libras que saibam lidar com de-

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 29/04/2023

Aprovação do trabalho: 03/06/2022

Publicação do trabalho: 26/06/2023

 10.46230/2674-8266-15-10595

COMO CITAR

NASCIMENTO, Vinícius; MELO, Lis Maximo e; NICHOLS, Guilherme. Para além do currículo: a extensão universitária como espaço de ensino-aprendizagem da Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (TALS). *Revista Linguagem em Foco*, v.15, n.2, 2023. p. 142-159. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/10595>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

mandas ligadas ao audiovisual.

Palavras-chave

Tradução Audiovisual. Libras. Extensão universitária.

Abstract

This article aims to carry out a descriptive analysis of a teaching-learning experience of Sign Language Audiovisual Translation (TALS, acronym in Brazilian Portuguese) in a university extension activity developed at the Laboratory of Sign Language Audiovisual Translation (Latravilis) of the Federal University of São Carlos (UFSCar). It is the translation of a sit-com type comedy series entitled "Baby & Rose", produced with the support of Agência Nacional do Cinema (ANCINE) and shown on the closed channel MultiShow. The activity was based on the didactic-pedagogical proposal of Nascimento (2014), which is based on the theoretical-methodological articulation between Bakhtinian approach and Sign Language Translation and Interpretation Studies, and which considers five phases for the construction of the translation process of audiovisual materials in the sign language translators and interpreters' education: (i) mobilization of translators to reflect on the genre of speech to be translated; (ii) exploration of the genre based on the identification of interlocutory, compositional, stylistic and thematic aspects; (iii) mapping of verbal-visual elements that will be transposed to the text in sign language; (iv) translation preparation through different strategies; and (v) carrying out the translation and recording on video. The university extension project provided students with the opportunity to get in touch with a real demand for TALS in a controlled, supervised environment and with the pedagogical support of trained teacher-translators, highlighting the need to train Libras translators and interpreters who know how to deal with demands related to the audiovisual sector.

Keywords

Audiovisual translation. Brazilian Sign Language. Extension university.

Introdução

Nos últimos anos é possível notar a presença significativa e constante da tradução e da interpretação da língua de sinais em produções audiovisuais de diferentes gêneros. Apesar do crescimento, essas atividades são comumente esquecidas, abandonadas ou, propositalmente, não citadas no âmbito dos estudos da Tradução Audiovisual (TAV). Segundo Tamayo (2022), além do esquecimento constante na TAV, nos Estudos da Tradução (ET) e dos Estudos das Mídias Acessíveis, o trabalho dos profissionais é, geralmente, limitado, apenas, à interpretação, havendo, nesse sentido, o apagamento da tradução da língua de sinais, atividade que tem ganhado cada vez mais relevância e espaço nos últimos anos.

No Brasil, apesar de aparecer na legislação brasileira desde os anos 2000, foi somente no fim da última década que essas atividades começaram a ser incorporadas no cenário das atividades tradutórias audiovisuais no campo acadêmico. Nascimento e Nogueira (2019) evidenciam que a tradução e a interpretação da língua de sinais em meios audiovisuais foram negligenciadas de publicações sobre a Tradução Audiovisual acessível (TAVa) desde que o tema começou a ser explorado por aqui no início da década de 2010. Os autores mostram ainda que o tema tem aparecido no país por meio do sintagma *janela de Libras* (Língua Brasileira de Sinais), que é definida no *Guia para produções audiovisuais acessíveis* (doravante *Guia*) organizada pela Secretaria do Audiovisual do Ministério da

Cultura, como o

espaço destinado à tradução entre uma língua de sinais e outra língua oral ou entre duas línguas de sinais, feita por Tradutor e intérprete de Língua de Sinais (TILS), na qual o conteúdo de uma produção audiovisual é traduzido num quadro reservado, preferencialmente, no canto inferior esquerdo da tela, exibido simultaneamente à programação (NAVES, et al., 2016, p. 15-16).

Todavia, como a própria definição evidencia, janela, tradução e interpretação da língua de sinais são coisas distintas. A fim de clarificar essas definições, os autores propõem então a expressão *Tradução Audiovisual da Língua de Sinais* (TALS) para os processos tradutórios de línguas dessa modalidade e *janela e Libras* como o espaço de circulação da tradução. Nascimento (2021a) inclui interpretação, ampliando o termo para *Tradução e Interpretação Audiovisual da Língua de Sinais* (TIALS) considerando, também, as atividades interpretativas em gêneros audiovisuais. Essas distinções vão “[...] na direção de demonstrar que janela não é sinônimo de tradução e, portanto, pesquisas podem – e devem – ser realizadas nas duas direções” (NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2019, p. 126).

Apesar do aparecimento recente em publicações no campo da TAV, a TIALS, enquanto atividade profissional, circula há um tempo no Brasil. Silva (2015) mostra que não se sabe ao certo qual foi a primeira inserção da língua de sinais em uma programação da TV brasileira, mas, uma das aparições mais recentes da qual se tem notícias é a da campanha para as eleições de 1989 quando o candidato à presidência da república Guilherme Afif Domingos colocou uma janela com interpretação de Libras, realizada pelo intérprete Paulo Favalli, à sua lateral superior direita durante seu discurso em prol de propostas para pessoas com deficiência.

De 1989 para cá, muitas coisas mudaram, como, por exemplo, a obrigatoriedade da inserção da tradução para a Libras em campanhas político-partidárias e da interpretação em debates ao vivo instituída pela Lei 13.146/15, que criou o Estatuto da Pessoa com Deficiência, bem como a obrigatoriedade da oferta de recursos de acessibilidade (legendagem para surdos e ensurdecidos – LSE, Audiodescrição – AD, e Janela de Libras – JL) em exibidoras cinematográficas nacionais na modalidade individual determinada pelas Instruções Normativas (I.N.) 116/2016 e 128/2016 da Agência Nacional do Cinema (ANCINE).

Além do cenário político favorável à promoção da TIALS no Brasil, a formação de profissionais que promovem essas atividades também mudou e a evidência disso foi a política que permitiu a abertura dos cursos de bacharelado

em Letras - Libras e em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, promovida pelo Decreto 7.612/11, que institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limite. Essa política promoveu a abertura de oito cursos de graduação, até 2015, para formar tradutores e intérpretes de Libras em universidades federais, ampliando, com isso, a possibilidade de maior oferta de profissionais para a comunidade surda. Depois desse período, outros cursos foram abertos, incluindo os de universidades estaduais e de instituições privadas.

Todavia, apesar da abertura e expansão da formação de tradutores e intérpretes de Libras, não há uma diretriz comum na formulação curricular desses cursos. Em análise sobre as matrizes curriculares de oito cursos de bacharelado em tradução e interpretação de Libras oferecidos por universidades federais (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – presencial e a distância, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Universidade Federal de Goiás – UFG, Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS), Rodrigues (2018a, p. 218) mostrou que há “[...] preponderância de uma formação em Letras fundamentada, sobretudo, no desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e saberes linguísticos, pragmáticos e/ ou sociolinguísticos sobre as línguas de trabalho”.

Sousa (2021), em pesquisa sobre os eixos/áreas de tradução e interpretação dos currículos de dez desses cursos, aí incluídos o da Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD) e da Universidade Estadual do Oeste do Pará (UNIOESTE), a fim de mapear a possibilidade de uma formação direcionada à intérpretes e tradutores surdos, evidenciou que existe, majoritariamente, disciplinas ligadas ao trabalho com a língua portuguesa na modalidade vocal-auditiva. A pesquisa da autora, entretanto, mesmo sem ser seu objetivo, revelou ainda que os únicos cursos que tratam da questão da tradução audiovisual no currículo são apenas os de duas instituições: (i) os da UFSC, na modalidade presencial com uma disciplina optativa denominada “Tradução Audiovisual”, com 4 créditos, e na modalidade a distância na disciplina obrigatória “Prática de Interpretação IV”, onde o tema aparece na ementa, mas divide espaço com a interpretação de conferências; e (ii) o da UFGD, na disciplina obrigatória de “Laboratório de interpretação III” que aborda, também, a interpretação jurídica em 4 créditos. Nos outros cursos, o tema não aparece claramente, mas, infere-se, justamente pelo momento em que a profissão vive no país, que ele atravesse disciplinas de outros temas.

Apesar da TIALS fazer parte da realidade de trabalho da maioria dos profissionais da tradução e da interpretação da Libras representando, em alguns ca-

sos, o campo de maior atuação, os cursos de graduação não abordam o tema com a devida importância no currículo deixando, com isso, um significativo hiato na formação das novas gerações de profissionais.

Diante dessa realidade, questionamos: como seria possível abordar o tema da TIALS em um curso universitário que visa formar intérpretes e tradutores de Libras para além da obrigatoriedade curricular? Um dos caminhos possíveis oferecidos pelas universidades no contexto brasileiro é a extensão. Neste artigo, nosso objetivo é realizar uma análise descritiva de uma experiência de ensino-aprendizagem da TALS em uma atividade de extensão desenvolvida no Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (Latravis) do Departamento de Psicologia da UFSCar.

2 Os desafios da pedagogia da tradução e interpretação intermodal: um olhar para a TIALS

O ensino-aprendizagem da tradução e da interpretação envolve aspectos de dimensão teórica, prática, didática, linguageira, cognitiva e interacional e são muitos os autores dos ET e dos Estudos da Interpretação (EI) que discutem o tema a partir de diferentes perspectivas teórico-metodológicas (ESQUEDA, 2018). Entretanto, quando tocamos especificamente no ensino da tradução e da interpretação envolvendo línguas de diferentes modalidades, nos deparamos com uma lacuna significativa de publicações e de pesquisas. Uma das justificativas possíveis para isso seria o que relatamos ainda na introdução: a jovialidade dos Estudos da Tradução e da Interpretação da Língua de Sinais (ETILS) no Brasil.

Antes da abertura do primeiro curso de graduação para formar tradutores e intérpretes de Libras em 2008 pela UFSC, as experiências de formação desses profissionais ainda eram muito isoladas e pontuais e, majoritariamente, nas regiões sul e sudeste do país (LACERDA, 2009; RODRIGUES, 2018b, NASCIMENTO, 2016). Com a expansão da formação em nível superior instituída pelo Plano Viver Sem Limites, um debate mais preocupado sobre a pedagogia da tradução e interpretação intermodal (NASCIMENTO, 2022) começa a acontecer. Fruto dessa discussão foi o Encontro Nacional de Professores de Tradução e de Interpretação de Línguas e Língua Portuguesa (ENaPTILSP) que aconteceu em maio de 2018 na UFSCar e que começou a discutir de modo coletivo possíveis diretrizes para pensar a formação das novas gerações de tradutores e intérpretes de língua de sinais no Brasil.

Acompanhando o movimento presente nos Estudos da Tradução de ma-

pear competências e saberes necessários às tarefas de tradução e de interpretação para formar profissionais (GONÇALVES; MACHADO, 2006), o campo dos ETILS tem promovido pesquisas e reflexões que permitem inferir os aspectos necessários para pensar o ensino-aprendizagem da tradução e da interpretação intermodal. Rodrigues (2018b), por exemplo, vem debatendo o tema de maneira aprofundada ao discutir diferentes modelos teóricos sobre competência em tradução e ao salientar que ao tradutor e intérprete intermodal é exigido uma competência além da dos que trabalham com línguas vocais e que é imposta pela modalidade gesto-visual da língua de sinais. Segundo o autor,

[...] dentre os vários efeitos que a modalidade de língua pode ter sobre os processos tradutórios e/ou interpretativos intermodais, destacamos dois deles para fundamentar e conduzir nossa reflexão sobre uma possível competência tradutória, propriamente intermodal, a saber: (i) a performance corporal-visual requerida do tradutor/ intérprete durante à realização da tradução/interpretação para língua de sinais; e (ii) a possibilidade da sobreposição de línguas durante o processo tradutório/interpretativo intermodal (code-blending). [...] Em suma, uma possível competência tradutória intermodal relaciona-se ao desenvolvimento de conhecimentos e habilidades necessários tanto à exploração corporal dos dispositivos linguísticos específicos das línguas de sinais, durante a sinalização (habilidades corporais motoras de codificação integrada de propriedades gestuais e espaciais), quanto à capacidade visual-cognitiva de ler a totalidade das informações gestuais e espaciais, as quais estão expressas quadridimensionalmente por meio da integração desses dispositivos linguísticos específicos, durante a vocalização (habilidades visuais de percepção e interpretação do conjunto de informações gestual e espacialmente codificadas), ambas vinculadas à habilidade de se administrar a possibilidade de sobreposição das línguas de maneira vantajosa (RODRIGUES, 2018b, p. 307-310).

No caso da TIALS, essa competência tradutória intermodal pode ser evidenciada pela apresentação do texto-alvo ao público por meio de vídeo, o que impossibilita a dissociação entre corpo do tradutor/intérprete, discurso traduzido e visualidades da obra audiovisual; e tudo isso pode ser concretizado na janela, visto que é por ela que o público-alvo surdo acessa o conteúdo verbal da obra.

A inserção das janelas de Libras pode acontecer com base na Norma Brasileira (NBR) 15.290/2016 - Acessibilidade em comunicação na televisão - da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) ou na proposta do *Guia*. Porém, em ambas as propostas, a preocupação direciona-se mais para o formato da janela e pouco para sua composição e diálogo com a obra a ser traduzida e/ou interpretada. O efeito disso é uma pluralidade tipológica de janelas de Libras que não necessariamente buscam oferecer ao público surdo condições igualitárias

de consumo do audiovisual.

Nascimento (2020; 2021a) realizou pesquisa de recepção com a comunidade surda brasileira a fim de mapear a preferência desses sujeitos pelas janelas de Libras a partir de três gêneros do discurso diferentes utilizando aplicações de proposições com base nos modelos da NBR 15.290/2005 da ABNT, do *Guia* e de um mapeamento realizado para identificar janelas específicas de cada gênero. A pesquisa foi respondida por 168 surdos jovens e adultos e permitiu geração de dados sobre o perfil sociolinguístico dos surdos que consomem audiovisual no Brasil, que seriam aqueles que “[...] estudaram, majoritariamente, em escola regular inclusiva sem o acompanhamento de intérpretes, com nível superior, falantes de Libras, com o domínio da língua portuguesa escrita, que preferem assistir mais produções na TV aberta com o recurso da legenda em língua portuguesa” (NASCIMENTO, 2020, p. 402).

O estudo teve como objetivo central o mapeamento da preferência desses sujeitos pelas janelas de Libras. Os dados foram coletados por meio de um questionário virtual bilíngue que circulou, via redes sociais, na comunidade surda brasileira. Segundo Nascimento (2021a), os dados da pesquisa mostram que a preferência pelas janelas de Libras pelos surdos se altera de acordo com o gênero avaliado. As mesmas propostas receberam diferentes avaliações nos três gêneros e as propostas oficiais não foram bem aceitas para os gêneros no qual elas foram criadas. O estudo, que foi o primeiro de dimensões nacionais a ser realizado sobre o tema no Brasil, discutiu a exibição da tradução, mas não deixou de tocar da forma como o tradutor é apresentado ao público, uma vez que é pela janela que o público recebe a tradução.

Esse tipo de estudo pode suscitar reflexões sobre até onde vai o trabalho do tradutor e do intérprete de Libras, ou seja, se sua atuação se limita à mobilização, do ponto de vista tradutório, dos discursos nas línguas que atua ou se sua tarefa é mais abrangente e incorpora orientações aos contratantes sobre como sua tradução pode e deve aparecer para o público que vai consumir aquela tradução. Para o sim ou para o não, o tema parece compor uma discussão interessante sobre competência do tradutor e, também, formas de abordá-la no processo de formação.

Do ponto de vista didático, algumas propostas têm sido desenhadas para pensar o ensino da TALS. Uma delas baseia-se na perspectiva dialógica de Bakhtin e o Círculo (BAKHTIN, 2016; VOLÓCHINOV, 2017) e é desenvolvida por Nascimento (2014; 2017; *no prelo*) que propõe uma discussão sobre as janelas de Libras e sobre o processo tradutório e interpretativo para além da dimensão normativa

estabelecida por instruções técnicas de acessibilidade, mas como aspectos que se relacionam dialogicamente com o gênero do discurso da obra audiovisual e de aspectos verbo-visuais (NASCIMENTO, 2011). A proposta, nesse sentido, leva em consideração as dimensões materiais gesto-visuais da língua de sinais que dialogam de maneira indissolúvel com as visualidades que são constitutivas do audiovisual. O autor propõe uma sequência didática para dar conta desses aspectos no processo de formação de tradutores e intérpretes audiovisuais da Libras:

Disso decorre, então, nossa proposta de formação em uma perspectiva dialógica, para a aprendizagem da [tradução e] *interpretação midiática* abarcando a arquitetônica dos gêneros que envolvem esse ato interpretativo:

(i) *Mobilizar* os [tradutores e] intérpretes em formação à reflexão, por meio da leitura sobre as relações de intergenericidade presentes durante o processo de [tradução ou] interpretação contrapondo diferentes gêneros e, com isso, fazendo com que eles, enquanto sujeitos/autores, observem a totalidade dos enunciados tornando-se capazes de diferenciar as marcas e especificidades de cada um;

(ii) *Explorar* cada gênero a ser trabalhado visando a identificação de aspectos visuais que não precisam ser traduzidos para a língua de sinais, justamente pela possibilidade de competição visual entre o verbal e o visual;

(iii) *Mapear* elementos visuais constituintes da totalidade do discurso fonte que podem/devem ser absorvidos pela interpretação afim de que o discurso verbal case com o visual formando, portanto, uma totalidade de sentido contribuindo para um efeito único, do ponto de vista do todo do enunciado, para o interlocutor surdo;

(iv) *Preparar* a [tradução ou a] interpretação considerando o todo do enunciado concreto elaborando, desse ponto de vista, uma competência referencial sobre o gênero a ser interpretado.

(v) *Traduzir/Interpretar* considerando as especificidades mapeadas e exploradas buscando produzir um enunciado que contemple a dimensão visual dos elementos extralinguísticos que compõem o discurso fonte a ser transposto (NASCIMENTO, 2014, p. 221-222).

Considerando que, para a formação de tradutores e intérpretes, se faz necessário o desenvolvimento de estratégias de tradução, caminhamos na perspectiva dialógica de Bakhtin e o Círculo proposta por Nascimento (2014) para pensar a TALS, uma vez que ela permite “[...] aos aprendizes uma reflexão sobre os processos de construção de sentidos a partir das situações concretas de enunciação” (ALBRES; NASCIMENTO, 2014, p. 226).

3 A TALS da série *Baby & Rose*: uma experiência de aprendizado coletivo

O processo de TALS aqui descrito aconteceu no âmbito do projeto de extensão “Assessoria em tradução e interpretação da Libras e Língua Portuguesa em contextos comunitários, audiovisuais e de conferências nas esferas pública e

privada: formação e prática” (Processo UFSCar ProEx Web: 23112.106310/2019-93) desenvolvida no Latravis do Departamento de Psicologia da UFSCar. Essa atividade de extensão teve como objetivo geral promover o atendimento à crescente demanda de serviços de tradução e de interpretação de Libras-LP, bem como a realização de assessoria formativa para instituições e tradutores e intérpretes que atuam com o par linguístico em diferentes esferas públicas e privadas.

O Latravis foi procurado pela Realejo Filmes Ltda. para a realização da tradução para a Libras da segunda temporada da série de comédia *Baby & Rose* justamente porque, em ocasião anterior, também realizou a tradução da primeira temporada da série no âmbito da mesma atividade de extensão. Por meio da Fundação de Apoio Institucional ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FAI) da UFSCar, foi celebrado um contrato entre a universidade e a produtora. Na primeira temporada, três estudantes do curso Bacharelado em Tradução e Interpretação de Libras de Língua Portuguesa foram convidados para traduzirem a série em um trabalho experimental em que o docente, primeiro autor deste trabalho, acompanhou os processos individuais de tradução. Essa primeira experiência está registrada em Nascimento (*no prelo*).

Nesse novo contrato, a fim de ampliar a participação de estudantes, foi publicado edital de chamamento para os estudantes do quarto ano e semestres subsequentes do curso com seleção por meio de banca de proficiência composta por um docente surdo e um docente ouvinte, que foram os mesmos que atuaram na supervisão e colaboração com a tradução dos episódios. O edital abriu seleção para estudantes na condição de bolsistas e de voluntários. Os primeiros receberam uma bolsa em valor fixado por meio da Resolução nº 04/2016 do Conselho de Extensão (COEX) da UFSCar de 20 de maio de 2016.

A proposta de seleção por meio de banca de proficiência estabelecida em critérios objetivos e técnicos em edital teve objetivos, também, didáticos, uma vez que permitiu aos participantes, ainda na condição de estudantes, a vivência de um processo seletivo comum em concursos públicos e contratações de algumas instituições para o cargo de tradutor e de intérprete de Libras e Língua Portuguesa, conforme mostra Albres (2022).

A série *Baby & Rose* é protagonizada pelos atores Caike Luna (falecido em outubro de 2021) e Lindsay Paulino que, além de interpretarem as personagens principais, se revezam em mais outros oito personagens. A série é exibida pelo canal *Multishow* e recebeu financiamento da ANCINE para sua produção e, por isso, havia reserva de recursos destinada à inserção da AD, LSE e JL como recursos de acessibilidade. Emiliano e Nascimento (2022) mostram que desde as instruções

normativas da ANCINE, produtoras contempladas com recurso da agência, devem viabilizar recursos de acessibilidade nas peças de depósito legal, o que não significa que os recursos de acessibilidade sejam, de fato, aplicados com qualidade e critérios técnicos.

Trata-se de uma série de humor que pode ser categorizada como do grande gênero comédia, especificamente o subgênero *sitcom*, ou comédia de situação, com um formato baseado na paródia (FECHINE, 2001), que é movido por performances de personagens que se relacionam em ambientes familiares, de amizade, de trabalho e outros (D'ABREU, 2010). Os diálogos entre as personagens acontecem em uma casa montada em um estúdio na cidade de São Paulo e nos diversos ambientes as personagens recebem outros convidados, também interpretados pelos mesmos atores, que se alternam para que, pelo menos, uma das personagens principais esteja na cena.

Figura 1 - Cena do episódio 2 da segunda temporada de Baby & Rose



Fonte: Realejo Filmes Ltda. (2019)

DESCRIÇÃO: Dois personagens contracenam num banheiro, um masculino e o outro feminino. A mulher está de perfil, sentada no vaso sanitário. Veste uma saia curta avermelhada de babados, blusa de manga comprida estampada com fundo claro e desenhos acinzentados. Só se vê uma das pernas encostadas no chão. No pé, calça uma sandália. O homem está de pé recostado no que seria o box, o qual é separado do restante do banheiro por uma cortina, que se encontra aberta. O homem veste uma camisa azul escuro, cuja gola e a parte que vai da cintura até o quadril são de outro tom de azul mais claro. Na cintura, aparecem uns penduricalhos não identificados. Usa calça jeans e tênis. Os azulejos do banheiro são azuis até a metade da parede e brancos até o teto. O chão tem piso avermelhado. A pia e o vaso sanitário são de cor rosa. Dois tapetes azuis com motivos rosa e três toalhas avermelhadas penduradas na parede, duas de rosto à direita e uma de banho à esquerda, completam o ambiente.

Na segunda temporada, a série foi composta por 25 episódios de 29 minutos aproximadamente, que foram planejados, produzidos e executados em língua portuguesa. Na divisão dos episódios entre a equipe de tradução, cada um

dos estudantes bolsistas ficou responsável por dois. Dentre as atividades destinadas ao estudo do material estava a visualização da série, o mapeamento terminológico, a construção das personagens em língua de sinais. A equipe trabalhou na tradução audiovisual no período de janeiro a fevereiro de 2020, antes do estabelecimento do distanciamento obrigatório imposto pela pandemia de Covid-19. Por essa razão, todo o trabalho foi realizado presencialmente no Latravis, desde as reuniões até as gravações.

Do ponto de vista estrutural, o local onde todo o processo de tradução ocorreu, possuía um fundo verde, iluminação direcionada ao fundo e ao tradutor, um tripé com uma câmera, um computador abaixo da câmera como ponto de feedback visual e auditivo e um computador lateral com a imagem capturada do tradutor.

Figura 2 – Estrutura para a realização das traduções



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

DESCRIÇÃO: A figura traz dois quadros. O da esquerda mostra o intérprete de perfil posando para a câmera e observando sua imagem na tela da câmera. Ele está com mãos postas acima da cintura. O da direita traz uma pessoa, provavelmente o técnico, filmando a interpretação. Podem ser visualizados o intérprete de frente com as mãos estendidas. Atrás dele o chroma key verde.

Seguindo a proposta de Nascimento (2014), o primeiro movimento dos estudantes foi o de *mobilizar* o gênero *sitcom* a ser traduzido comparando-o com outros gêneros da mesma esfera e identificando traços de estilo genérico e de autoria dos personagens do vídeo. Essa mobilização aconteceu, inicialmente, em equipe que se reuniu para tomar contato com o material proposto, dividir funções, formar duplas de tradutores, tirar dúvidas de vocabulário e pensar em estratégias. Como a tradução da primeira temporada estava concluída, aproveitamos os sinais-termos das personagens que foram convencionadas e seguimos com a estética da vestimenta preta assim como na tradução da primeira temporada.

O segundo movimento, de *exploração* do gênero, permitiu uma compreensão sobre as demandas do gênero comédia, isto é, uma averiguação mais objetiva sobre o material a ser traduzido. A série é composta por *sketches* que não possuem dependência narrativa umas com as outras. O programa inicia com as personagens principais, que dão nome à série, fazendo uma breve introdução e, a seguir, as *sketches* são apresentadas. Em cada uma delas, ora a personagem Baby, ora a personagem Rose interage com um personagem novo que é interpretado pelos mesmos atores e, ao fim, o programa encerra com uma paródia musical.

Figura 3 – Exemplos de interações entre as personagens da série



Fonte: Realejo Filmes Ltda. (2019).

DESCRIÇÃO: A figura traz dois quadros. No primeiro quadro, está o personagem masculino de roupa azul e uma personagem feminina com saia branca, blusa escura e óculos. Ambos estão de perfil e parecem estar numa sala de jantar. A sala possui uma mesa retangular com cadeiras e um aparador localizado atrás dela. As paredes são vermelhas com vários acessórios pendurados. Um jarro de plantas completa o cenário. No segundo quadro, a cena se passa numa cozinha. A personagem feminina da figura 1 está atrás de um balcão, conversando com outra personagem feminina que se encontra sentada em um banco. Ao lado dela, outro banco vazio. A cozinha tem azulejos azuis até a metade e parede amarela lisa até o teto. Os outros elementos que compõem o cenário são: um armário amarelo, um fogão, um filtro com um garrafão de água mineral e vários acessórios de cozinha pendurados na parede.

O início da *preparação* da tradução começou com uma discussão sobre os termos e piadas da língua portuguesa e da cultura ouvinte e as possibilidades tradutórias para a Libras e cultura surda. Nesse momento a interação com o professor surdo foi fundamental para criarmos as estratégias tradutórias e que seriam validadas por um representante surdo. Essa experiência vem ao encontro do que alguns estudos sobre equipes mistas de tradução vêm discutindo. Segundo Alves (2019, p. 80)

O profissional Surdo pode contribuir de diversas formas. Ou melhor, uma equipe formada por um tradutor Surdo e um tradutor ouvinte pode aprimorar o produto da tradução para Libras de diversas formas. O tradutor ouvinte independe do tradutor Surdo, tanto quanto o tradutor Surdo independe do tradutor ouvinte. Então,

um profissional Surdo na equipe pode ser muito útil para avaliar a relevância das informações e como construir um enunciado com a omissão do que se julga menos relevante num arranjo que respeite o tempo disponível.

Figura 4 – Tradutor/supervisor surdo orientando estudante durante o processo de tradução



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

DESCRIÇÃO: A cena traz uma pessoa em pé, provavelmente o tradutor surdo, sinalizando para um rapaz que está sentado numa bancada com equipamentos de gravação. Aqui podem ser visualizados a câmera, os refletores, o computador e o chroma key.

Na fase do *mapeamento*, a equipe identificou que as características do gênero comédia são fundamentalmente ligadas à sonoridade das vozes e ao estilo de fala das personagens como, por exemplo, a articulação imprecisa por parte de alguns, o figurino, o uso de estratégias de imitação de vozes, a fala acelerada em alguns casos, a criação de bordões específicos, para citar alguns. O desafio, nesse sentido, era: como podemos levar a mesma experiência para a comunidade surda preservando o humor por meio da visualidade?

Algumas das estratégias discutidas foram em relação às falas da Baby, personagem que articula mal a fala oral e adiciona palavras e expressões sem sentido como por exemplo “queria ser macho”, que era inserida como bordão a todo momento no diálogo e, por vezes, o humor está justamente em não compreendermos o que ela diz e/ou por a personagem não se manter no tema do diálogo, mudando repentinamente de assunto. Nesse sentido, a graça está justamente na caótica conversa entre as duas personagens principais da série. Além disso, as personagens utilizam gírias da comunidade LGBTQIA+ e os tradutores-estudantes não conheciam correspondentes em Libras para tais expressões. O supervisor e tradutor surdo, além de ser fluente em Libras se identifica como

membro dessa comunidade, o que facilitou, de certo modo, a construção enunciativa em Libras de expressões utilizadas pelas personagens.

Para isso, os primeiros episódios foram gravados pelo tradutor surdo para servir de modelo aos tradutores-estudantes seguintes. Também explicamos as piadas para ele poder elaborar a correspondência na Libras. Uma das estratégias foi utilizar as configurações de mão com pouca definição para corresponder a imprecisão de fala da personagem. Outra estratégia foi o uso da repetição do mesmo sinal para quando ela falava "queria ser macho".

Na fase da *preparação* houve um exaustivo "ensaio" para conseguir gravar pelo menos um *sketch* inteira sem cortar. As estratégias já estavam elaboradas, porém por vezes percebemos que não era possível cumprir o planejamento devido a velocidade da fala e às interrupções de um personagem para com o outro que inviabiliza traduzir o que foi interrompido. No momento da gravação a dificuldade era o mesmo tradutor/a representar ambos os personagens, que se entrecortavam, que falavam rápido, que possuía bordões etc.

Finalmente, na fase da *tradução*, quando a gravação foi efetivamente realizada com o texto final a ser inserido na janela, utilizamos um monitor de vídeo que ficava abaixo da câmera para poder ver e ouvir os episódios. A imagem ficava espelhada em relação ao monitor, o posicionamento do corpo marcava os personagens em relação ao espaço, isto é, se Baby estava a esquerda do quadro, o tradutor deveria inclinar seu corpo a direita para que na gravação aparecesse a esquerda igual a Baby. Segundo Nascimento (*no prelo*), essa diferença corresponde aos eixos narrativos e de sinalização que não são automaticamente realizados no processo de TALS. Uma preparação intensa deve acontecer devido a facilidade do cérebro de espelhar o que vê graças aos neurônios espelhos. O eixo de sinalização, durante a gravação, deve ser o oposto do eixo narrativo para que na fase de edição possa ser sincronizado com os posicionamentos corretos. Todos esses fatores causaram na equipe uma percepção de alta complexidade física e cognitiva. Física devido aos ensaios exaustivos e às horas de gravação e cognitiva por todo o processo de estudo até a conclusão da tradução.

Figura 5 – produto final com a janela de Libras inserida

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

DESCRIÇÃO: A imagem mostra a intérprete sinalizando na janela à direita. A janela de destaca na tela por meio de um círculo branco transparente. Ela veste blusa preta de mangas curtas. A cena se passa na sala de jantar descrita na figura 3. Um personagem de cabelos brancos e roupa branca está sentada em uma cadeira, conversando com o homem de azul, o qual se encontra de pé. Agora vemos uma janela e uma porta no canto esquerdo que dão para um lugar do lado de fora. No canto direito, vemos outra porta.

Considerações Finais

No contexto narrado, os estudantes experienciaram uma demanda real de tradução audiovisual em um gênero que até então não tinham tido contato nas disciplinas curriculares. Para além de todo o processo tradutório, a seleção dos estudantes via banca de proficiência permitiu também uma experimentação de como são realizados os processos seletivos para contratação de tradutores e de intérpretes, colocando-os em situação análoga à profissional.

Os cursos de graduação em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa ofertados pelas universidades ainda não incorporaram, de fato, a temática da TALS em suas matrizes curriculares, possivelmente porque o tema é recente do ponto de vista da ampliação do mercado de trabalho e mais recente ainda quando se trata de sua presença nos ET, enquanto campo disciplinar, e na TAV e TAVa enquanto subcampos.

O projeto de extensão universitária aqui relatado oportunizou aos estudantes contato com uma demanda real de TALS em um ambiente controlado, supervisionado e com o suporte pedagógico de professores-tradutores capacitados em tal tipo de demanda. A necessidade de formar tradutores e intérpretes de Libras que saibam lidar com demandas ligadas ao audiovisual é urgente e clama por soluções alternativas, ainda que o tema esteja distante dos currículos

de formação.

A TALS é uma atividade recente e não existem, ainda, parâmetros a serem seguidos, mas algumas experiências de tradutores profissionais têm sido publicadas a fim de permitir o compartilhamento de experiências e a ampliação do repertório de possibilidades tradutórias de obras audiovisuais. Nosso objetivo, nessa direção, foi contribuir com o campo por meio de uma experiência institucionalizada de TALS via extensão universitária.

Referências

- ALBRES, N. A. Implicações político-discursivas do perfil requerido dos intérpretes educacionais (Libras-Português) em concursos no Brasil. *In*: ALBRES, N. A.; RODRIGUES, C. H.; NASCIMENTO, V. (Orgs.). **Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais**: Contextos profissionais, formativos e políticos. Florianópolis: Editora Insular, 2022. p. 49-80.
- ALBRES, N. A.; NASCIMENTO, V. Currículo, ensino e didática em questão: dimensões da formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais. **Caderno de Letras**, n. 22, p. 221-243, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/4563> Acesso em: 15 set. 2022.
- ALVES, T. M. **Tradução para Libras**: participação de surdos e ouvintes em equipes mistas de tradução. 2019. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Letras Libras) –Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/208436>. Acesso em: 15 set. 2022.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- D'ABREU, P. “Descabimentos” de fala e formatação: a perspectiva da heterologia na análise narrativa da sitcom. *In*: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais [...]**, p. 1-15, Caxias do Sul: UCS, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2913-1.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- EMILIANO, B.; NASCIMENTO, V. Descompassos nas políticas de acessibilidade e nos padrões de janelas de libras em produções audiovisuais financiadas pela ANCINE. **Revista GEMINIS**, v. 13, n. 1, p. 6-33, 2022. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/655>. Acesso em: 15 set. 2022.
- ESQUEDA, M. D. Ensino de Tradução: Culturas Pedagógicas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 57, n. 2, p. 1244-1273, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651880>. Acesso em: 15 set. 2022.
- FECHINE, Y. Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos. **Revista Symposium**, Recife, v. 5, n. 1, p. 14-26, 2001. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3195/3195.PDF> Acesso em: 2 jun. 2022.
- GONÇALVES, J. L.; MACHADO, I. T. N. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 17, p. 45-69, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6856>. Acesso em: 15 set. 2022.
- LACERDA, C. B. F. **Intérprete de Libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de intérpretes de libras e língua portuguesa:** encontro de sujeitos, discursos e saberes. 2016. 318 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, M. V. B. **Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo:** elementos verbo-visuais e produção de sentidos. 2011. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, V. O desenrolar do novelo conceitual bakhtiniano na formação de tradutores audiovisuais da Libras. *In*: NASCIMENTO, V. (Org.) **Perspectiva dialógica nos estudos da tradução e interpretação da língua de sinais.** São Paulo: Editora Hucitec, *no prelo*.

NASCIMENTO, V. Aspectos didáticos e metodológicos na formação continuada de intérpretes de língua de sinais experientes: reflexões para uma pedagogia da interpretação intermodal. *In*: ALBRES, N. A.; RODRIGUES, C. H.; NASCIMENTO, V. (Orgs.). **Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais:** Contextos profissionais, formativos e políticos. Florianópolis: Editora Insular, 2022. p. 269-302.

NASCIMENTO, V. Consumo da cultura audiovisual por surdos: perfil sociolinguístico e questões para planejamento de políticas linguísticas e de tradução. **Travessias Interativas**, v.10, n.22, p. 386-406, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/15345/11587>. Acesso em: 15 set. 2022.

NASCIMENTO, V. Tradução e interpretação audiovisual da língua de sinais (TIALS) no Brasil: um estudo de recepção sobre as janelas de Libras na comunidade surda. **Cadernos de Tradução**, v. 41 (esp. 2), p. 163-201, 2021a. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/85302>. Acesso em: 15 set. 2022.

NASCIMENTO, V. Janelas de libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. **Trabalhos de linguística aplicada**, v. 56, n. 2, p. 461-492, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/kJrDfHvSNDXtndcD9Kh6pby/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 mai. 2023.

NASCIMENTO, V. Gêneros do discurso e verbo-visualidade: dimensões da linguagem para a formação de Tradutores/Intérpretes de Libras/Português. *In*: BRAIT, B; MAGALHÃES, A. S. (Orgs.) **Dialogismo:** teoria e(m) prática. São Paulo: Terracota, 2014, p. 213-234.

NASCIMENTO, V.; NOGUEIRA, T. C. Tradução Audiovisual E O Direito À Cultura: O Caso Da Comunidade Surda. **PERcursos Linguísticos**, v. 9, n. 21, p. 105-132, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/23740>. Acesso em: 14 set. 2022.

NAVES, S. B.; MAUCH, C.; ALVES, S. F.; ARAÚJO, V. L. S. (Orgs). **Guia para produções audiovisuais acessíveis.** Brasília: Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, 2016.

RODRIGUES, C. H. Formação de intérpretes e tradutores de língua de sinais nas universidades federais brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. **Translatio**, v. 15, p. 197-222, 2018a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/79144/48558>. Acesso em: 15 set. 2022.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 57, n. 1, p. 287-318, 2018b. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651578>. Acesso em: 15 set. 2022.

SILVA, K. F. B. **Tradução audiovisual da língua de sinais:** aspectos emocionais, formação e condição de trabalho. 2015. 125 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Libras) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/161436>. Acesso em: 05 mai. 2023.

SOUSA, J. A. **A formação do tradutor e do intérprete surdo de língua de sinais no ensino superior: questões curriculares**. 2021. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa) – Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15339?show=full>. Acesso em: 15 set. 2022.

TAMAYO, A. Sign Languages in Audiovisual Media: Towards a Taxonomy from a Translational Point of View. **Journal of Audiovisual Translation**, [S. l.], v.5, n.1, p. 129–149, 2022. Disponível em: <https://www.jatjournal.org/index.php/jat/article/view/167>. Acesso em: 15 sep. 2022.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Sobre os autores

Vinícius Nascimento - Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP). Professor adjunto III do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); São Paulo (SP). E-mail: nascimento_v@ufscar.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1893740212695470>; OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-3057-5828>.

Lis Maximo e Melo - Especialista em Gestão Cultural pelo Centro Universitário SENAC. Bacharela em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e bacharela em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e Língua Portuguesa também pela UFSCar. Tradutora e Intérprete de Libras e Língua Portuguesa do Centro Universitário Central Paulista – Unicep. São Carlos, SP. E-mail: lismaximo@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4092162953681244>; OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-4995-8538>.

Guilherme Nichols - Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Assistente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos, SP. E-mail: gnichols@ufscar.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2368933774638597>; OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-2477-0865>.